

**EDITORIAL****ACADEMIA VERSUS BARBÁRIE?  
IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO E A FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES****Candido Alberto Gomes**

Coordenador da Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade da Universidade  
Católica de Brasília  
clgomes@terra.com.br

O número anterior de **Interacções** focalizou as relações entre a escola e as linguagens juvenis. Há relativo consenso de que o mundo contemporâneo é fruto de mudanças aceleradas, com a perspectiva de continuar transformando-se em ritmo ainda mais veloz. Como num terremoto, as instituições, ainda que melhor edificadas, podem ser varridas pelas ondas sísmicas. Dominantes se tornam dominados e vice-versa; sujeitos são objetificados, enquanto outros adquirem forte subjetividade; valores sagrados se secularizam; valores e forças sociais antes pouco significativos alcançam relevância inesperada. A história nos dá testemunho de tudo isso, ao longo do tempo, embora a aceleração do tempo histórico e a interdependência do mundo sejam inéditas. Nesse quadro, uma sucessão de artigos e outras contribuições de intelectuais notórios analisaram relações entre a língua, o prestígio social, o poder, a estrutura de classes sociais e a hierarquização dos grupos sociais. Mudanças tecnológicas de grande porte, intrinsecamente ligadas a sucessivos movimentos sísmicos no plano histórico-social, geram mudanças que se difundem pelos grupos etários, pela escola e pelas instituições em geral. Se a escola é frequentada predominantemente por crianças, adolescentes e jovens, pelo menos na distribuição populacional por idade hoje existente, uma série de pequenas ou grandes revoluções tem ocorrido. Tais movimentos geológicos, de tão profundos, afetam maneiras de pensar, agir e sentir, com reflexos irrecusáveis nos mais diferentes planos. E, como tal, surgem perplexidades e medos, como na Europa, perto dos anos 1000, quando muitas pessoas esclarecidas esperavam os sinais do fim do mundo: “De 1000 não passarás”. Temores bem humanos surgem diante das perspectivas do desconhecido,



ao que parece em todas as épocas. Tendo discutido esses temores em face das línguas e das juventudes, o presente número de **Interacções** aprofunda temas mais especificamente pedagógicos, como os currículos, a formação de professores, percepções de estudantes quanto às novas tecnologias e outros temas.

Conforme visto no número anterior, as categorias de idade são histórico-socialmente construídas, assim definindo seus comportamentos e limites. Ser criança hoje significa, entre outros aspectos, ser bombardeada pela cultura de massa, ser chamada a consumir e a influenciar as decisões dos pais quanto ao consumo. A criança é convidada a ser “autônoma” e “protagonista”, mesmo que para isso não tenha condições, em face dos variados ritmos do seu amadurecimento. Já que ser adolescente significa um nível ainda mais alto de independência e de prestígio social, deste *amadurecimento de estufa* surge nova etapa, a *adonascença*, encolhendo a infância e dilatando a adolescência. Por sua vez, esta se estende até mais tarde, chegando a fazer fronteira com a categoria de jovem adulto. Ser *adonacente* tem grandes vantagens por ser uma criança grande, mais protagonista, que se rebela, não raro como ato identitário da cultura adolescente, conquanto não tenha a mesma carga de responsabilidade da adolescência. Com isso, se diferencia das crianças menores, empurra a porta da autonomia, para que ela se abra mais cedo, antecipa o namoro, as linguagens identitárias, os padrões de consumo e os interesses. Por outro lado, o jovem adulto é um conceito eufemístico para o jovem da faixa dos 20 anos que ainda está relativamente longe da plena cidadania. Com o crônico desemprego juvenil no mundo, por não encontrar lugares ao sol, tais jovens permanecem por mais tempo à sombra da casa dos seus pais.

O fim da inocência resulta em grande parte da exposição das crianças aos “segredos adultos” da violência e do sexo. A comunicação de massa e as redes sociais os apresentam com “naturalidade” e admitem vocábulos e expressões antes vedados à esfera simbólica das crianças e adolescentes. Simultaneamente, quanto menos tempo os grupos de crianças e adolescentes convivem com os adultos, em face das transformações da organização familiar, mais se diferenciam nas linguagens, criando os seus próprios nichos de identidade, com normas, escalas de prestígio e critérios próprios de distribuição de *status*. A linguagem, não raro ludicamente modificada, é como um jardim secreto que se anuncia como tal, mas onde não se permite a entrada de outros.

Como adolescentes e jovens – até mesmo crianças - podem passar muito mais tempo com os colegas do que com a família, precisam defender-se sozinhos ou em grupo, tomando decisões estratégicas enquanto os adultos estão longe. Dessa forma, flexibilidade é a palavra de ordem: os discentes participam de vários círculos sociais, ajustando-se aos seus códigos de conduta. Caso contrário, o castigo dos colegas chega à exclusão do grupo e à violência física. Desse modo, o aluno tende a não agir só em função da escola, mas, sobretudo dos seus grupos de pertencimento. Não por acaso são grupos de colegas que podem praticar violências físicas e, simbólicas contra os seus iguais, inclusive como sanções. Usando um conceito sociológico antigo, os colegas podem transformar-se, em muitos casos, nos mais importantes agentes de controle social. Embora não necessariamente ligados ao crime e ao uso de drogas legais e ilegais, esses poderosos agentes facilmente podem utilizar os desejos de autonomia e protagonismo para enveredar por outros caminhos. Em grande parte do mundo ocidental, os ritos de passagem compulsórios não são mais estabelecidos apenas pelos adultos. Estes mantêm alguns, datando do século XIX, ao menos para uma parte dos jovens: são os terríveis exames escolares, que agem como filtros ao término da educação secundária e no início da educação superior. Entre os seus variados nomes, situam-se o exame vestibular, o recente Exame Nacional de Ensino Médio no Brasil, os Exames Nacionais do Ensino Secundário em Portugal, o *Baccalauréat* na França, o *Abitur* na Alemanha, o SAT e equivalentes nos Estados Unidos. Além de uma longa coorte de similares.

Além destes, existem ritos de passagem mais abrangentes e “democráticos”, ainda que menos visíveis. Estabelecidos pelos iguais, tendem a incluir, cada vez mais cedo, entre outras, as experiências de alcoolização, de experiência de drogas e de sexo. Embora não se possa generalizar, a recusa a submeter-se a tais ritos pode gerar violências físicas e simbólicas, entre elas o ostracismo. Apesar do lema de “ser proibido proibir”, datado de 1968, não compartilhar de determinadas experiências é ser irremediavelmente um peixe fora d’água. Conforme a época e o ambiente social, uma jovem que se tornasse sexualmente ativa antes do casamento perdia um “patrimônio” indispensável ao seu futuro. Por isso, poderia ser expulsa de casa, degradada socialmente e condenada, talvez, a viver da prostituição ou a ser morta de algum modo, social e fisicamente. A sociedade era, pois, altamente coercitiva em relação às atividades sexuais da mulher. Entretanto, como hoje o sexo é pedra angular da sociedade de consumo, ícone irresistível do hedonismo, capaz de vender quase tudo, para muitos grupos de colegas a perda da virgindade por ambos os sexos pode não



constituir uma opção e, sim, um dever que tende a assegurar mais prestígio entre os pares quanto mais cedo ocorre. No caso do rapaz, usualmente a “demora” levanta suspeitas sobre a sua masculinidade, abrindo as comportas da homofobia. No caso da rapariga, se julgar que tudo o que é permitido ao rapaz é igualmente a ela permitido, poderá arcar com as consequências, sendo enquadrada nos estereótipos mais desfavoráveis da tipologia feminina, elaborada pelos homens. Se a subordinação da mulher foi superada ou apenas mudou de vestimentas é outra questão espinhosa. Entretanto, apesar das diversidades e guardadas as devidas proporções, a distribuição grupal das recompensas sociais, dependendo dos grupos e diversos outros fatores, tende a favorecer os que primeiro acumulam conhecimentos e experiências sexuais, ganhando o invejável status de “gurus” do pátio escolar e das casas de banho. Muito frequentemente experiências privadas se tornam públicas, pois carecem de alarde quer pelo “antiquado” veículo da conversa presencial, quer pelas novas tecnologias. Adultos dificilmente veem, ouvem ou sabem, tanto porque as confrarias jovens são eficazmente herméticas, quanto talvez pelo desejo inconsciente de não ver e não saber. É muito difícil estabelecer generalizações, mesmo no Ocidente, porque as sociedades variam amplamente dentro de si e entre si. Todavia, a globalização das sociedades de consumo é um dos mais importantes denominadores comuns da nossa época.

Evidentemente, este não é um discurso moralista de Catão, nem uma perspectiva apocalíptica ou um manifesto de volta aos antigos costumes. As águas relativamente tranquilas do rio de Heráclito não conseguiam voltar: ao contrário, seguiam o seu fluxo, sempre em direção aos mares. No entanto, impõe-se a reflexão sobre se realmente conseguimos desenvolver e aplicar genuínas definições de liberdade. Parece que, ao menos proclamamos um divisor de águas - é proibido proibir -, apesar de os seus resultados práticos, por trás da aparência bombástica, correrem o risco de se traduzir em é impositivo proibir, é obrigatório pautar as condutas, é imperioso substituir os comportamentos e as sanções compulsórios de ontem pelos de hoje. O cortejo de resultados acaba por recair sobre as coletividades: angústia, depressão, dependências as menos imagináveis, compulsões, anorexia, bulimia, relativismo, niilismo, suicídio e outras auto-agressões. Ser diferente dos padrões dominantes, voluntária ou involuntariamente, é caminho certo para os infernos, não os de Dante, mas os infernos leigos da pós-modernidade, cuja sofisticação era inconcebível para os melhores torturadores da Florença dos *trecento*.

Enquanto tais mudanças tendem a ocorrer na sociedade, a escola, com a sua jornada crescente em tantos países, continua até certo ponto fadada a conservar e transmitir a cultura de uma geração à outra. Se bem que se trate de uma arena, onde se confrontam forças contraditórias, a escola envolve obrigações de frequência e tem como base uma relação multissecular de poder: o professor predominantemente fala e o aluno predominantemente escuta. Novas formas de difusão cultural e de relações sociais suscitam mudanças dolorosas: por um lado, o aluno pode acessar o conhecimento antes do professor, o que gera profunda inquietação diante do dever de escutar o que não interessa; por outro lado, o professor herdou dos seus próprios professores uma relação de poder cristalizada, quando a sua posição social já está ameaçada pela massificação do ensino, pelas tecnologias da informação e comunicação e pelas novas hierarquias de prestígio, renda e poder. O conflito não nasceu agora, mas, de uma forma dramática, há pelo menos 100 anos. No alvorecer do século XX, quando as sociedades urbano-industriais revolucionavam pelo menos o Ocidente, filósofos e educadores alertaram e formularam alternativas para as novas escolas. Nesse tempo, a sucessão de tremores de terra parecia avassaladora, porém a sua potência era modesta diante dos tempos atuais. Mudando o acessório para preservar o essencial, a escola conseguiu manter-se pouco diferente no seu âmago. Alterou as roupagens para sugerir transformações do corpo; incorporou adereços tecnológicos de grande repercussão, para gerar efeitos de novidade, desde que não abalassem os alicerces do edifício; o quadro de giz se expandiu, mudou de cores e tornou-se eletrônico, mas permaneceu como quadro, nas posições de sempre; deu nomes novos a coisas antigas; anunciou uma pletera de novas teorias, defendidas como grandes soluções, que, entretanto, passavam logo de moda e não tinham tempo para enraizar-se. Cavou-se um abismo ainda maior entre escolarização e sociedade, embora a instituição escolar passasse a envolver quantidades milionárias de crianças, adolescentes, jovens e adultos por um tempo crescente das suas vidas. À falta de alternativas “melhores”, a escola, inclusive com a função de custódia social, recebe missões crescentemente complexas. Desse modo, não é estranho que desaponte a sociedade sob vários aspectos. Professores e alunos precisariam hoje contar com os poderes de deuses e heróis gregos, sem, todavia, as suas fraquezas de caráter. Em suma, a situação parece compor-se de insolúveis impasses. A História, aliás, acha-se repleta deles. Insolúveis na epiderme, tais impasses não raro têm soluções que não vemos, não queremos ver e muito menos admitir.



Cabe frisar que, no pleno exercício da liberdade acadêmica, estas opiniões cabem exclusivamente ao autor, sem comprometer a revista ***Interacções***, os demais editores convidados ou as instituições a que se ligam ou se afiliam. As páginas seguintes se abrem para manifestações igualmente livres. Desse modo, o primeiro artigo aborda uma questão mundial, muito cara à UNESCO, a das línguas em risco. Conforme Morian, da mesma forma que a biodiversidade, a sociodiversidade também está em perigo, resultando no empobrecimento do mundo. Por isso, a UNESCO, com base em conhecimentos antropológicos, entre outros, destaca a herança cultural intangível, agindo no sentido da sua preservação, inclusive por meio do seu tombamento. No âmbito da cultural imaterial ou intangível se situam numerosos idiomas, cujo desaparecimento implica também sepultar com eles muitas formas de patrimônio cultural, de que as línguas são veículos comunicadores, particularmente orais. Quando as novas gerações deixam de aprender uma língua em sua casa, o caminho já está marcado, embora reversível. Daí a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, aprovada pela Conferência Geral da UNESCO em 2003<sup>1</sup>. O jovem, nas encruzilhadas das culturas e das línguas, com frequência opta pelas mais prestigiosas, consideradas “modernas”, mais difundidas nos processos de globalização e mundialização e que, por isso mesmo, podem abrir maiores perspectivas de trabalho e de vida. Nesse sentido, a América Latina e o Brasil, em particular, apresentam alto número de línguas em perigo de desaparecimento. No seu artigo, Virginia Unamuno trata do plurilinguismo e da identidade de aborígenes argentinos, em processo de tornar-se professores dos seus pares.

Puxando outro fio à meada, Mariza Vieira da Silva focaliza os processos de individualização e identificação do sujeito jovem, utilizando letras em português de músicas de bandas de rock. O cenário é o Estado autoritário numa utopia urbana frustrada, a capital brasileira, Brasília. Na cidade particularmente vigiada pelo regime político instituído, o rock se tornou uma forma de protesto juvenil, transcendendo as diferenças sociais e conjugando o cosmopolitismo com o enraizamento na realidade brasileira.

Por sua vez, Ana Maria Eyng e Daniel Scherer abordam o currículo e as culturas escolares e juvenis. É interessante frisar que a Sociologia da Educação, já nos anos 1930, reconhecia a escola como um grupo de conflito, em que se confrontavam as culturas adulta, na forma escolar, e juvenis, informais, além das culturas locais e

---

<sup>1</sup> Texto disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2010.

internacionais, da chamada herança civilizatória do Ocidente. Mais de 50 anos depois, Touraine, Dubet e outros autores da mesma disciplina têm analisado as mudanças da juventude e da escolarização na pós-modernidade, com a tese da escola como instituição racionalizadora da modernidade, hoje em declínio, junto com outras.

Em prosseguimento, Márcia Romero e Cláudio Vóvio iniciam o enfoque da formação docente, diante de tantas transformações significativas dos alunos e do contexto social da escola. O fio que eles puxam à meada é a criatividade, pouco cultivada nos sistemas escolares. As novas circunstâncias histórico-sociais, entretanto, conduzem à necessidade de práticas pedagógicas criadoras, compatíveis com a criatividade do falar e agir dos jovens.

Por sua vez, Núbio Mafra e Lucinea de Rezende apresentam uma pesquisa comparativa, envolvendo cursos para formação docente do Brasil e de Portugal. Os resultados alertam mais uma vez para os descompassos educação – sociedade: a abordagem da leitura foi percebida como insatisfatória por parte dos alunos, ao passo que as propostas curriculares foram vistas como distantes das demandas atuais na área da linguagem. Não é, pois, de admirar que os alunos se entediam com a instituição escolar e com as leituras prescritas, enquanto leem vorazmente obras não indicadas pela escola, como revelou artigo do número anterior.

Ademir J. Rosso e colaboradores avançam na formação docente, abordando o letramento docente. Apesar de usualmente as maiores preocupações se voltarem para o letramento dos alunos, o artigo trata efetivamente do letramento docente como leitura do mundo e da escola e de capacidade de intervenção crítica nessas esferas.

Joana Peixoto, relatando duas pesquisas, retorna ao uso das novas tecnologias da informação e comunicação pelos jovens, consideradas como “empobrecedoras” da linguagem ou, conforme o título deste trabalho, a porta de ingresso na barbárie, em oposição à academia. Suas conclusões convergem para as opiniões de David Crystal na entrevista publicada no número anterior de **Interacções**: as tecnologias não conduzem ao empobrecimento das formas de expressão escrita dos jovens. Ademais, as novas práticas de narração de si revelam um papel formador. Em outras palavras, concluiríamos que a introdução de mudanças radicais, cuja extensão e efeitos ainda não conhecemos plenamente, não significa a inauguração de uma nova idade das trevas.

Por seu lado, as psicólogas Valeska Zanello, Bruna Bukowitz e Elisa Coelho fizeram uma interessante incursão na sociedade dos adolescentes e dos seus



mecanismos de controle social. O uso dos xingamentos, aparentemente em avanço nesse grupo etário, em face de transformações já aludidas, constitui uma via de sancionar comportamentos considerados indesejáveis pelos grupos. Nesse caso, as autoras constataram que os xingamentos, numa fase de elaboração de identidades, traduziram valores bastante tradicionais em relação aos homens e mulheres, evidenciando também a homofobia.

Carlos Ângelo de Menezes, por seu turno, analisa do ponto de vista de valores democráticos as postagens em um fórum virtual efetuadas por jovens universitários, um grupo sócio-culturalmente mais selecionado. Os resultados evidenciam contradições no uso das novas tecnologias para a construção de relações sociais justas e igualitárias em vista da democracia. As evidências explicitam que, do ponto de vista histórico, o conhecimento e a tecnologia têm sido um trampolim para o acesso ao poder e ao seu exercício, seja democrático ou não. Seria o caso de concluir, em princípio, que as tecnologias são teleologicamente neutras.

Encerrando esta série de artigos, Deller James Ferreira e Gilberto Lacerda dos Santos, em colaboração interdisciplinar, apresentam reflexões sobre um processo da mais alta relevância quando as sociedades mudam rápida e estruturalmente: a criatividade, facilitada e estimulada pelas novas tecnologias. Aliás, criatividade é o que não pode faltar, nestas circunstâncias histórico-sociais, tanto para a educação formal e não formal dos estudantes quanto para a formação dos respectivos professores. Conforme já disse alguém, com os seus conhecimentos e facilidade no uso das tecnologias, os jovens de hoje constituem a primeira geração que tem algo muito importante para ensinar à geração anterior. Pelo menos sob este aspecto, as águas do rio da História têm fluxo e refluxo.

Afinal, duas resenhas chamam a atenção para duas obras altamente relevantes para compreender a compreensão da juventude como conceito histórico-socialmente elaborado. Diogo Acioli Lima analisa a obra de Jon Savage, traduzida do inglês para vários idiomas, inclusive o português. Com base em registos dos meios de comunicação de massa, efetuados entre 1890 e o pós-guerra, o autor retrata a emergência gradativa de uma nova categoria social, a dos jovens, com as suas inúmeras implicações, de consumo e produção, de lazer e trabalho, políticas e militares.

Por último, a perspectiva crítica de Ivar Vasconcelos se dirige a uma resenha dos conhecimentos sobre a juventude no Brasil, organizada por Marília Spósito a partir

dos trabalhos de conclusão de cursos de pós-graduação, isto é, dissertações de mestrado e teses de doutoramento. Num país carente de pesquisas, em particular no campo das ciências humanas, tais trabalhos são indispensáveis como formas de gerar, acumular e renovar conhecimentos.

Agradecemos a contribuição inestimável dos colaboradores que atenderam gentilmente ao nosso convite, ao mesmo tempo que ressaltamos a indispensável participação, também como editores convidados, da Prof<sup>a</sup> Tânia Regina Pinto de Almeida, mestranda em Letras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e da Prof<sup>a</sup> Doutora Maria Teresa Tedesco Abreu Vilar do Abreu, professora e vice-coordenadora do Programa de Mestrado e Doutorado em Letras da mesma Universidade. Este número não seria possível sem a participação da Prof<sup>a</sup> Adriana Lira, secretária executiva desta Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade da Universidade Católica de Brasília, na qualidade de editora convidada adjunta, que dedicou o seu tempo extraordinariamente a esta realização. Por último, embora nem por isso menos importante, expressamos o nosso profundo agradecimento à revista *Interacções*, em especial na pessoa do Prof. Doutor Pedro Rocha Reis, pela confiança e contínuo incentivo, assim fazendo com que este periódico ofereça valioso aporte aos ideais da UNESCO e das Nações Unidas, em especial no que se refere ao direito à educação de qualidade para todos e à preservação das línguas em vias de extinção.

Ao “costurar” esta diversidade de contribuições intelectuais na sua síntese pessoal, o leitor mais uma vez constatará a complexidade das linguagens verbais e não verbais, que se diferenciam e convergem. Mais ousados para experimentar a novidade das tecnologias, embora não necessariamente menos conservadores sob certos pontos de vista que as gerações precedentes, os jovens modelam as linguagens, como são modelados por elas, num ir e vir incessante. Jovens e linguagens integram as sociedades, acelerando fluxos de mudanças, nas realidades linguística, em particular, e comunicacional, em geral, que têm sido permanentemente dinâmicas, ainda quando não pareçam. Ora correm como sinuosos rios de planície, ora como inquietos rios de montanha. Muda a sociedade, mudam os jovens, muda necessariamente a escola. Apesar disso, as contribuições dos jovens não parecem levar a uma nova barbárie. Ao contrário, na busca de exprimir a realidade, os jovens, como os demais grupos etários, enfrentam em comum o desafio da complexidade. Este desafio milenar se compõe de palavras e silêncios, formas e cores, quantidades e qualidades, gestos e perfumes, sons e pausas diferentemente organizados que só



valem como processos comunicacionais na medida em que existem códigos comuns compartilhados. Esses códigos só se decifram na medida em que jovens e não jovens conservem denominadores comuns. Tais denominadores são indispensáveis para fazer face a um desafio universal, não vencido plenamente: superar a distância entre os símbolos e as realidades simbolizadas. Filósofos, linguistas, cientistas sociais têm se valido de copiosas páginas para expressar suas contribuições nesse sentido. Diferentes, porém, são os artistas, em especial os poetas, que, no cosmos da sua sensibilidade, expressam esses complexos desafios em poucas e profundas palavras, conforme o exemplo de Fernando Pessoa:

"É fácil trocar as palavras,  
Difícil é interpretar os silêncios!  
É fácil caminhar lado a lado,  
Difícil é saber como se encontrar!  
É fácil beijar o rosto,  
Difícil é chegar ao coração!  
É fácil apertar as mãos,  
Difícil é reter o calor!  
É fácil sentir o amor,  
Difícil é conter sua torrente!

Como é por dentro outra pessoa?  
Quem é que o saberá sonhar?  
A alma de outrem é outro universo  
Com que não há comunicação possível,  
Com que não há verdadeiro entendimento.

Nada sabemos da alma  
Senão da nossa;  
As dos outros são olhares,  
São gestos, são palavras,  
Com a suposição  
De qualquer semelhança no fundo."